



O GLOBO | Segunda-feira 27.4.2020

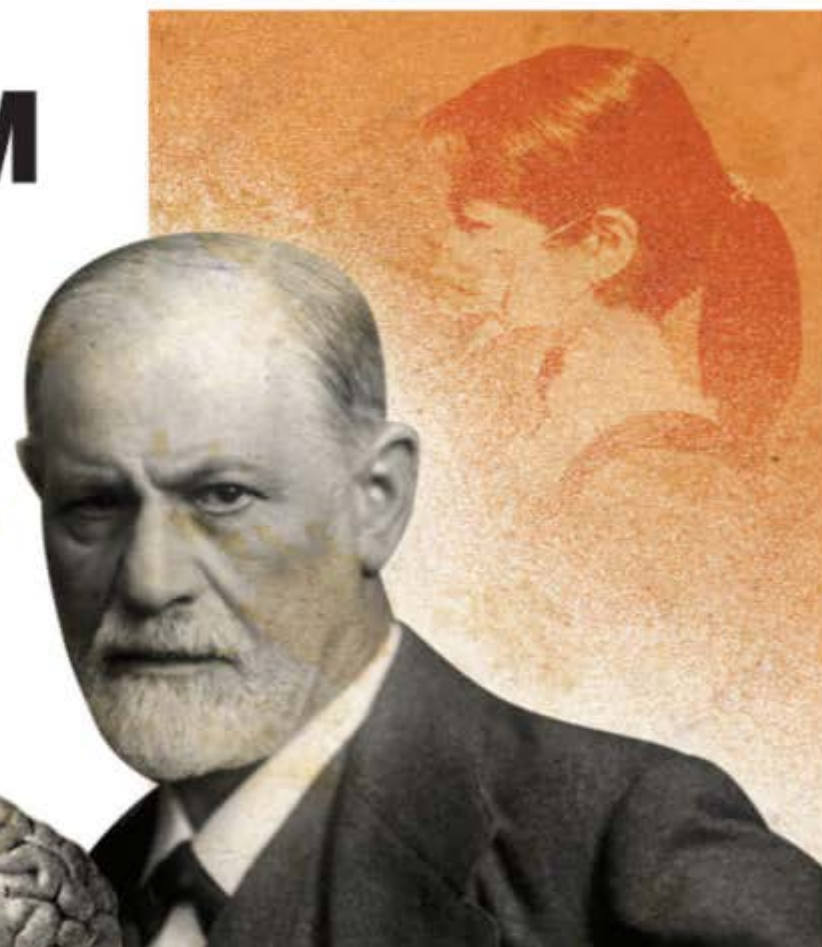
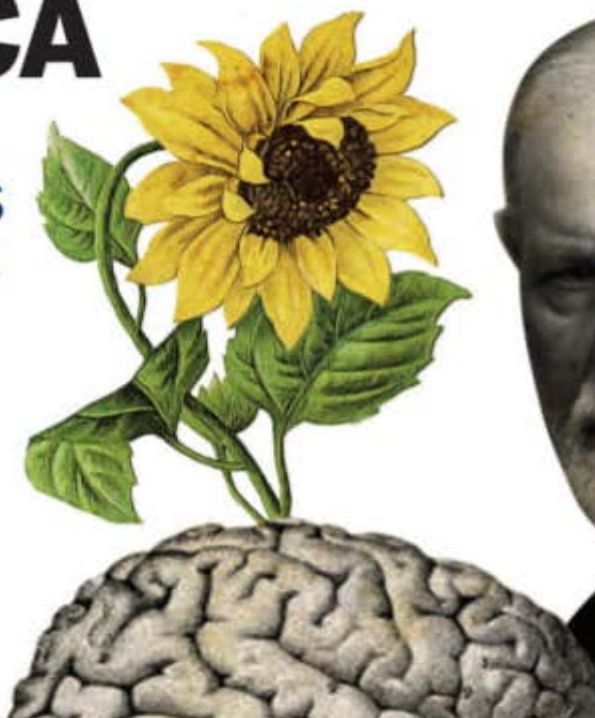
SEGUNDO EM QUARENTENA

segundocaderno@oglobo.com.br

CORONAVÍRUS FREUD TAMBÉM EXPLICA

ANIVERSÁRIOS DE DUAS OBRAS

importantes do pai
da Psicanálise
jogam luz sobre
nossa conduta
diante de um
tempo de
incertezas



Costa, coordenador de ensino da Formação Freudiana, lembra que a agressividade de que Freud trata nos dois textos é vivida contra o outro, uma ideia que se repete agora diante do novo coronavírus:

— O vírus surge de modo invisível, mas, no momento em que se aproxima, é preciso encontrar um lugar fora do nosso grupo para essa agressão. Primeiro, ele é algo que vem de fora, uma ameaça estrangeira que só atinge quem viaja; depois, como a letalidade parece ser maior entre idosos, eles devem ser isolados do resto da população. Como não conseguimos lidar com a ameaça, discriminamos, como acontece hoje com os chineses, e como aconteceu com os judeus na época de Freud.

UMA PREGUIÇA POSITIVA

É importante lembrar que, para Freud, a destruição tem uma dimensão criativa. Existem maneiras de o sujeito enfrentar a desestabilização que a pulsão de morte causa em seu aparelho psíquico.

RENATA IZAAL

É no mínimo instigante que as efemérides de dois textos fundamentais de Sigmund Freud aconteçam em meio a uma pandemia que traz incertezas, medo, isolamento social e morte. A situação é séria, assim como é a condição humana sobre a qual o pai da Psicanálise debruça em "Além do princípio do prazer" e "O mal-estar na civilização", obras publicadas, respectivamente, em 1920 e 1930. Mas do que tratam esses textos, um centenário e o outro quase, de títulos tão sugestivos? E de que maneira eles nos ajudam a entender a nossa humanidade diante da Covid-19? Freud explica.

Com a publicação de "Além do princípio do prazer", Freud fez o que os psicanalistas chamam de "virada de 20". Até então, sua obra era fundamentada no dualismo entre pulsões sexuais e pulsões de autopreservação. Mas sua experiência na clínica, o *zeitgeist* europeu no período e acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial e



"Fomos privados de uma série de coisas, mas esse lugar não

Nesse contexto, é importante lembrar que Freud foi diretamente impactado pelos principais acontecimentos da época. Os soldados que voltavam da Primeira Guerra

dade e sobre como a civilização europeia se tornou tão destrutiva — afirma Daniel Kupermann, psicanalista e livre docente do Instituto de Psicologia da USP.

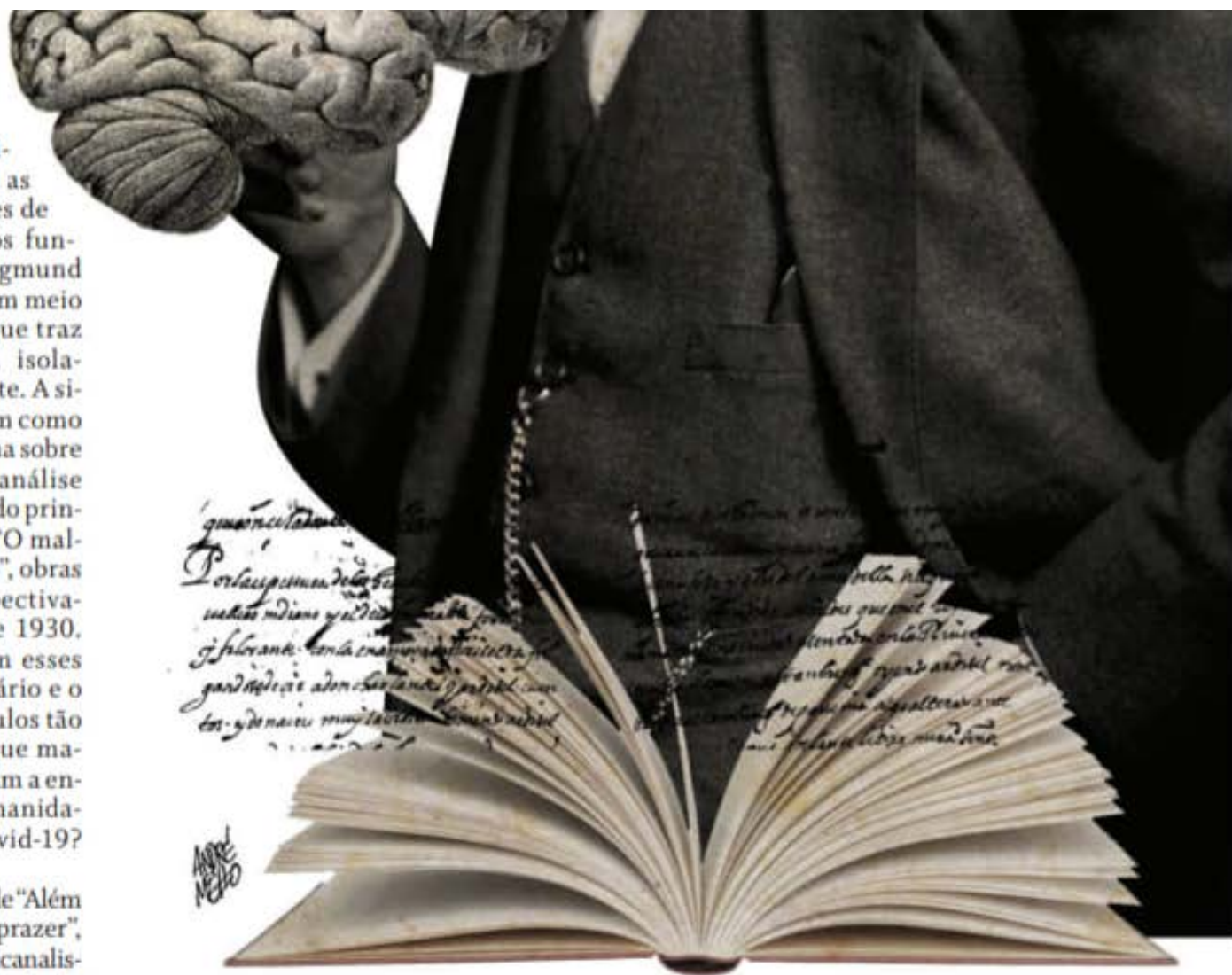
ajuda a entender a atitude negacionista de alguns diante da pandemia do novo coronavírus. Uma incerteza, como a que vivemos agora, gera insegurança e nos

Ele pode sucumbir ao super-reu tirânico e adoecer, por exemplo, deprimindo, ou criar estilos de existência, entre eles os afetos, a arte e a ciência. No período entre 1920 e 1930, Freud escreve que a pulsão de morte alimenta o apetite destrutivo, mas também afirma que renunciar ao prazer é sucumbir. Para ele, faz parte da saúde psíquica acreditar em um projeto e investir nisso, o que chamou de "ideal do eu".

Mas como investir em projetos futuros diante de um tempo de incertezas, como o provocado pela Covid-19? A psicanalista Mônica Donetto Guedes já percebe mudanças na clínica:

— Fomos privados de uma série de coisas, mas esse lugar não é necessariamente ruim. É possível criar novas formas de consumir a vida, buscar formas de satisfação e pensar possibilidades futuras. Há quem esteja olhando para outras coisas e se conectando com aspectos mais simples de seu modo de existir, por exemplo.

Quem pode ficar em casa, mesmo trabalhando de forma remota e tendo que dar conta das obrigações pessoais diárias, tem se sentido pressionado para ocupar ainda mais o tempo. As redes so-



a gripe espanhola o fizeram pensar que há na constituição pulsional do ser humano uma força destrutiva. A partir dessa ideia, Freud criou um segundo dualismo, entre pulsão de vida e pulsão de morte, que, junto com o conceito de trauma, representam a tal virada. Seus desdobramentos levaram Freud, então com mais de 60 anos, a uma década de intensa produção de textos culturais (que inclui outros clássicos como “Psicologia das massas e análise do eu”, de 1921, e “O futuro de uma ilusão”, de 1927) que culminaram na publicação de “O mal-estar na civilização”, em 1930.

é ruim. É possível criar novas formas de consumir a vida e pensar possibilidades futuras”

Mônica Donetto Guedes,
psicanalista

Mundial com neuroses traumáticas o fizeram retornar ao conceito do trauma, que já havia abandonado, para pensar sobre a repetição de situações que não obedecem ao princípio do prazer, que é a nossa busca por gratificação imediata. Além disso, três de seus filhos se alistaram, e Freud conviveu com o medo de os perder no conflito. Terminada a Guerra, sua filha Sophie morreu, vítima da gripe espanhola, em 1920.

— “Além do princípio do prazer” é o embrião de uma ideia que chega ao ápice com “O mal-estar na civilização”. Freud começou a refletir sobre a questão da transitorie-

Entre 1920 e 1930, Freud para de falar de quadros psicopatológicos para focar no masoquismo, que, segundo ele, é o desejo de servidão. Ele aponta para a religião e o exército, duas instituições fundadas na obediência, e afirma que a servidão se alimenta da pulsão de morte. Para o criador da Psicanálise, quando o sujeito renuncia a sua subjetividade para obedecer de forma acrítica, ele deseja se sentir protegido. Esse masoquismo, essa servidão, é em troca de proteção, de se livrar do estado de desamparo, como o “Fausto”, de Goethe, que Freud admirava.

A ideia do desamparo nos

remete ao desamparo infantil como um lembrete de que o nosso controle do mundo tem limites.

— O negacionismo, ou a recusa da realidade, é um modo de se defender pela via da inversão do desamparo pela onipotência. Dizer que é uma “gripezinha” ou se sentir invulnerável porque tem preparo de “atleta”, como fez o presidente Jair Bolsonaro, é uma defesa psíquica — diz Kupermann. — É por que o negacionismo combate a ciência? Porque ela tem um relacionamento com a realidade. A ciência precisa de provas.

O psicanalista Alexandre

ciais estão cheias de sugestões de lives, aulas de ginástica, cursos on-line e coaches da quarentena pregando como cada um deve levar sua vida nesse momento. Porém, assumir o cansaço pode ser a chave para a dimensão criativa descrita por Freud.

— Existe uma dimensão positiva da preguiça, que é promover um estado de contemplação criativa. O vazio psíquico, que não é sinônimo de falta, é uma abertura para a criação. Ficar se ocupando demais é uma maneira de não experimentar novos modos de existência — ensina Daniel Kupermann.